

Universidade Federal do Rio de Janeiro



# Instituto de Economia Industrial

TEXTO PARA DISCUSSÃO

Nº 9

CARACTERÍSTICAS E EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO  
EXTERIOR DE EMPRESAS TRANSNACIONAIS NO  
BRASIL

Reinaldo Gonçalves

1982

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE ECONOMIA INDUSTRIAL



CARACTERÍSTICAS E EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR  
DE EMPRESAS TRANSNACIONAIS NO BRASIL

Reinaldo Gonçalves  
1982



43 - 016395

**anpec**  
associação nacional  
de centros de  
pós-graduação  
em economia

Este trabalho foi impresso  
com a colaboração da ANPEC  
e o apoio financeiro do PNPE

PROGRAMA NACIONAL DE  
**PNPE**  
PESQUISA ECONÔMICA



CARACTERÍSTICAS E EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO EXTERIOR  
DE EMPRESAS TRANSNACIONAIS NO BRASIL

Reinaldo Gonçalves

1982

1. Introdução

A crescente complexidade do processo de internacionalização da produção e o importante papel das empresas transnacionais (ETs) no comércio internacional tem gerado um grande interesse nos efeitos destas empresas sobre o balanço de pagamentos, e em particular sobre a balança comercial dos países investidores e receptores do investimento externo direto (1). No que se refere aos países subdesenvolvidos, as ETs têm desempenhado um importante papel no comércio exterior destes países, que varia da sua participação fundamental nas economias primário-exportadoras até sua importante presença na atividade de exportação de manufaturados em alguns países subdesenvolvidos de industrialização recente(2).

Na medida em que as ETs tendem a ter uma estratégia global e um processo de tomada de decisão centralizado, parece-nos razoável argumentar que uma maior participação de ETs no comércio exterior de países subdesenvolvidos pode levar a uma maior vulnerabilidade de sua balança comercial, no sentido de que as transações de comércio exterior realizadas por ETs podem ser feitas a partir de condições que independem das vantagens comparativas associadas aos fatores específicos a cada país. As empresas transnacionais podem decidir pela exportação de um produto a partir de um país específico independentemente das condições de vantagem comparativa existentes, porque isto pode aumentar os lucros totais do grupo

---

Este artigo baseia-se em relatório de pesquisa preparado para as Nações Unidas, Comissão Econômica para a América Latina (Unidade Conjunta CEPAL/Centro de Empresas Transnacionais). Naturalmente, os erros e omissões porventura existentes, assim como os resultados da análise apresentada, são da inteira e exclusiva responsabilidade do autor e, por conseguinte, não exprimem necessariamente a posição institucional da CEPAL. O autor é professor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisador no Instituto de Economia Industrial da UFRJ.



internacional levando-se em consideração suas atividades à escala mundial. Adicionalmente, pode ocorrer a importação de produtos da matriz ou de alguma outra subsidiária participante do grupo internacional, a despeito da existência de produto similar no país onde esteja atuando a firma importadora, isto porque o sistema como um todo pode obter maiores lucros. Os argumentos acima podem tornar-se realidade quando, por exemplo, uma empresa participante de um grupo internacional não está obtendo retornos de escala adequados e enfrenta problemas para colocar seus produtos no mercado.

Assim, estes dois aspectos, a saber, a possibilidade de deslocar exportações de um país para outro, e a possibilidade de importações 'ineficientes' sob o ponto de vista do país receptor, colocam dois problemas estruturalmente relacionados: a instabilidade e o desequilíbrio da balança comercial de países subdesenvolvidos. Naturalmente, estes problemas não são específicos a países subdesenvolvidos, todavia, a maior participação das ETs no comércio exterior, o maior grau de abertura da economia, e controles menos efetivos sobre as atividades de comércio exterior, parecem aumentar a possibilidade de uma maior instabilidade e desequilíbrio da balança comercial.

Além do mais, as contas externas para um país subdesenvolvido representam o eixo sobre o qual está centrado uma parte fundamental do dinamismo de todo o sistema econômico. Quando a economia está na fase primário-exportadora, as contas externas são a maior restrição ao sistema, porque o mercado externo gera uma parcela importante da demanda efetiva e, por conseguinte, qualquer movimento cíclico na demanda externa causa efeitos negativos sobre o setor exportador, que é responsável por uma fração significativa da renda. Adicionalmente, uma redução da atividade de comércio exterior pode afetar o orçamento governamental de forma substancial porque a receita tributária decresce e inicia-se um processo cumulati



vo, que pode desembocar numa situação de crise econômica com maior desemprego e mais elevada inflação.

Se o país subdesenvolvido está numa fase subsequente, realizando um processo de industrialização através da substituição de importações, as contas externas também desempenham um papel importante no processo de desenvolvimento, porque a estabilidade e vigor de processo depende das importações de capital e tecnologia. Assim, o balanço de pagamentos também surge enquanto uma restrição importante ao desenvolvimento econômico de um país subdesenvolvido numa fase de industrialização mais avançada.

Estes comentários são no sentido de assinalar o papel chave da balança comercial, e do balanço de pagamento com um todo, no processo de desenvolvimento econômico de países subdesenvolvidos. É precisamente este fato que aumenta o impacto potencial de ETs sobre o desenvolvimento econômico destes países na medida em que estas empresas são capazes de deslocar exportações de um país para outro independentemente das condições de vantagens comparativas, e realizar uma atividade de comércio intra-firma, que seguindo sua estratégia global de maximizar lucros e/ou crescimento do grupo internacional como um todo, pode ser prejudicial aos interesses do país receptor.

O comércio intra-firma realizado pelas ETs, agravado por uma participação significativa destas empresas no comércio exterior do país em questão, coloca dois problemas adicionais. O primeiro é bastante conhecido e refere-se aos termos de troca e à transferência de recursos reais associada a ele. Por um lado, o impacto da ET sobre os termos de troca de economias primário-exportadoras tende a ser significativo e imediato, não somente devido, em geral, à elevada participação destas empresas no comércio exterior destes países e o controle que exercem sobre o mercado internacional destes produtos, como também em virtude da estrutura produtiva das 'plantations' e 'enclaves'. Por outro lado,



quando um país subdesenvolvido tem uma estrutura produtiva mais avançada, com exportações e importações diversificadas, o impacto da ET não é facilmente identificável, e na realidade, parece ser difícil fazer sólidas generalizações. Não obstante, neste caso encontramos nosso segundo problema, que, naturalmente, também existe no primeiro grupo de países subdesenvolvidos e menos industrializados, neste ponto referimo-nos ao problema do mecanismo de preços de transferência.

A transferência de recursos através do mecanismo de preços atribuídos a bens importados e/ou exportados por ETs no seu comércio intra-firma tem preocupado governos de diversos países e tem sido cuidadosamente estudado. ( 3 ) Novamente, a estratégia e o planejamento global realizado pela ET, no qual a função objetivo inclui maximização de lucro e/ou crescimento de todo o sistema, podem gerar um mecanismo de preços de transferência nas suas atividades intra-firma, que opere na direção de maiores lucros líquidos de impostos.

Neste ponto é importante ressaltar que os mecanismos de transferência de recursos e os efeitos da ET sobre as contas externas dos países em que atuam, devem ser vistos como possibilidades 'lógicas' e efeitos 'potenciais', no sentido de que argumentamos a respeito deles não como simples generalizações, mas enquanto hipóteses lógicas que necessitam uma investigação cuidadosa. Na realidade, acreditamos que a avaliação do papel de ETs no processo de desenvolvimento econômico e, seus efeitos sobre as contas externas e, em particular sobre a balança comercial dos países, deve ser feita caso-a-caso, em termos de firmas, setores, países e momento no tempo. Neste trabalho procuramos avançar alguma evidência e análise a respeito da atividade de comércio exterior de ETs atuando no Brasil, principalmente na indústria de transformação nos últimos anos.



## 2. Principais Características do Comércio Exterior das ETs

Esta seção tem um caráter meramente empírico, e nela procuraremos discutir as principais características do comércio exterior das ETs atuando no Brasil. Cabe ressaltar que não investigaremos uma hipótese ou um conjunto particular de hipóteses, tais como as discutidas na seção anterior. O que procuraremos fazer nesta seção é a apresentação de um amplo, embora não exaustivo, painel das características da atividade de exportação e importação das ETs atuando no País. A nossa análise estará concentrada no desempenho comercial de ETs operando na indústria de transformação.

A ênfase na indústria de transformação é facilmente entendida a partir da identificação de alguns aspectos. Em primeiro lugar, a concentração da produção e dos investimentos das ETs atuando no Brasil neste setor. Em segundo lugar, a importância deste setor no crescimento econômico geral em período recente. Em terceiro, a importância das importações de bens de capital e insumos industriais na balança comercial. Finalmente, a recente substancial expansão das exportações de manufaturados e a ainda mais recente substituição de importações de insumos industriais.

Nesta parte introdutória cabe ainda assinalar que na nossa análise empírica consideramos como ETs aquelas empresas nas quais um não-residente tenha uma participação de pelo menos 25% no capital da empresa. A partir de uma amostra do conjunto de ETs atuando no Brasil, verificamos na Tabela 1 que 637 EMNs foram responsáveis pela exportação de US\$4,9 bilhões, enquanto importavam US\$3,5 bilhões em 1980. Em termos relativos estas ETs foram responsáveis por cerca de 24% do total das exportações, 30% do total das importações (excluindo-se combustíveis, lubrificantes e cereais) e 16% do saldo positivo da balança comercial em 1980.<sup>(4)</sup> Nesta tabela também verificamos que cerca de 88% das exportações e 98%



TABELA 1: EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO DAS EMPRESAS TRANSNACIONAIS SEGUNDO O SETOR DE ATUAÇÃO DA EMPRESA - 1980

(Valores em US\$ milhões)

SETOR	NÚMERO DE EMPRESAS	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	SALDO COMERCIAL
INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO	594	4295,0	3429,2	865,9
Minerais não metálicos	21	32,2	34,4	-2,2
Metalurgia	69	175,3	184,5	-9,1
Mecânica	102	495,6	315,7	179,9
Material Elétrico	73	555,7	636,4	-80,6
Material de Transporte	44	1287,5	649,6	637,9
Madeira	7	28,8	9,1	19,7
Mobiliário	-	-	-	-
Papel	8	20,3	15,9	4,4
Borracha	8	95,1	137,3	-42,2
Couros e Peles	4	31,4	7,2	24,2
Química	90	229,9	920,9	-691,1
Farmacêutica	31	27,8	152,4	-124,6
Perfumaria	14	25,2	65,8	-40,6
Plásticos	18	14,3	31,3	-17,0
Têxtil	30	80,6	33,7	46,8
Vestuário e Calçados	7	9,0	1,9	7,0
Alimentos	31	987,5	106,0	881,5
Bebidas	11	23,0	23,0	...
Fumo	4	101,3	14,0	87,2
Editorial e Gráfica	4	0,1	0,4	-0,3
Diversos	18	74,4	89,6	-15,2
CONSTRUÇÃO	6	4,6	0,7	3,9
AGRICULTURA	1	...	-	...
MINERAÇÃO	10	185,6	0,8	184,7
TRANSPORTE	2	0,1	0,2	-0,1
SETOR FINANCEIRO	2	-	0,1	-0,1
COMÉRCIO	19	368,5	65,6	302,9
SERVIÇOS	3	3,5	7,6	-4,1
SUB-TOTAL	43	562,3	74,9	487,4
TOTAL	637	4857,3	3504,0	1353,3

Fonte: CACEX

Notas: (...) Valores inferiores a US\$ 50 mil

Totais podem não somar exatamente devido a arredondamentos.

Exportações referem-se a valores efetivos, enquanto importações referem-se a valores autorizados.



das importações foram realizadas por ETs atuando na indústria de transformação.

Particularmente no que se refere às exportações de manufaturados temos que a participação das exportações das ETs é ainda maior. Se do conjunto dos gêneros descontarmos as exportações das empresas atuantes nas indústrias de Fumo e produtos alimentares, que se constituem basicamente de produtos semi-manufaturados, verificamos que o conjunto de 559 EMNs teria respondido por 38,2% das exportações de manufaturados (excluindo café solúvel e açúcar refinado) em 1980. Este coeficiente aproxima-se bastante da estimativa mais confiável até o momento, obtida por Braga (1981), que nos informa um coeficiente de participação de 37,2% para o ano de 1978.

Todavia, a amostra de Braga, que inclui 3243 empresas, sendo 531 ETs, representando 82% das exportações de manufaturados, parece superestimar o valor das exportações de produtos alimentares manufaturados, o que, por conseguinte, levaria a uma subestimativa da participação das ETs nas exportações de manufaturados. Em 1980, por exemplo, as exportações de produtos alimentares manufaturados correspondeu a menos do que 12% do total das exportações de manufaturados (excluindo café solúvel e açúcar refinado), enquanto que na amostra de Braga esta participação é superior a 25% para 1978. Na nossa própria amostra, verificamos que a maior parte das exportações de produtos alimentares por ETs atuando nesta indústria refere-se a produtos primários ou semi-manufaturados, tais como, farelo de soja, manteiga de cacau e óleos vegetais. As exportações da indústria de fumo, por seu turno, são, na sua quase totalidade, de fumo em folhas, produto este que não é considerado como manufaturado. Por esta razão, decidimos excluir estas duas indústrias do computo da participação das ETs nas exportações de manufaturados. Assim, se na amostra de Braga excluirmos as exportações das empresas atuantes nas indústrias de Produtos Alimentares e Fumo, a participação das ETs aumenta para 42%.



Os dados até agora analisados mostram que não somente as ETs têm tido uma participação significativa nas exportações de manufaturados como elas também predominam nas exportações das chamadas indústrias (tecnologicamente) dinâmicas, em virtude de sua forte presença em tais indústrias. Nossas estimativas mostram que os setores de maior importância em termos de exportação de manufaturados por ETs foram Material de Transporte, Material Elétrico e Mecânica, com um total de US\$2,3 bilhões, isto é, aproximadamente 70% do total exportado de máquinas e aparelhos, material elétrico e de transporte em 1980. Estes dados confirmam as estimativas de Braga para 1978, que mostra uma participação de 68% por parte das ETs no valor de exportação nos setores mencionados.

Adicionalmente, nestes setores está concentrada uma parcela significativa das exportações das ETs. As exportações de ETs atuando nestes setores foi de 55% do total das exportações destas empresas na indústria de transformação, e se excluirmos a exportação das indústrias de bebidas, fumo e produtos alimentares, esta participação aumenta para 74% em 1980. Os dados de Braga (1981) confirmam esta concentração das exportações de manufaturados por ETs atuando na Mecânica, Material Elétrico e Material de Transporte, setores estes que foram responsáveis por 62% das exportações de manufaturados por EMNs em 1978.

Ainda nestes setores dinâmicos, nos quais as ETs têm uma forte participação tanto na produção quanto na exportação (Mecânica, Material Elétrico e Material de Transporte), temos taxas médias de crescimento superiores à taxa média do conjunto de produtos manufaturados. Assim, no período 1970-80 o total das exportações dos setores mencionados crescia a uma taxa média de 32,7%. Isto é, os chamados setores dinâmicos, em cuja produção e exportação as ETs têm uma presença marcante, estão entre aqueles que apresentaram o melhor desempenho em termos de exportação nos últimos anos.



No que se refere às importações destaca-se, além da Mecânica, Material Elétrico e Material de Transporte, a indústria Química. As EMNs atuando nestes quatro setores responderam por cerca de 74% do total das importações destas empresas na indústria de transformação. Este fato caracteriza não somente a presença de ETs nestes setores como o próprio estágio de desenvolvimento do processo de industrialização no Brasil.

Um outro aspecto a destacar é o elevado grau de concentração do comércio exterior do Brasil. Assim, no que se refere às exportações de manufaturados verificamos que os 300 maiores exportadores responderam por cerca de 3/4 do total do valor de exportação de manufaturados em 1980. (Ver Tabela 2). Neste grupo encontramos 105 ETs que respondem por 33% do valor total. Cabe ainda mencionar que as 25 ETs com os maiores valores de exportação responderam por cerca de 24% do total do valor de exportação de manufaturados em 1980. Estes coeficientes parecem indicar que mesmo que ampliássemos o tamanho da nossa amostra, o ganho em termos de participação total das EMNs na exportação de manufaturados seria relativamente pequeno.

No que se refere às importações constatamos que no conjunto dos 200 maiores importadores existiam 90 ETs que foram responsáveis por 23% do total das importações brasileiras (excluindo-se combustíveis, lubrificantes e cereais) em 1980 (Tabela 3). Assim, o restante das nossas firmas amostrais (547) seriam responsáveis por 7% das importações, o que indica um elevado grau de concentração. Esta elevada concentração das exportações e das importações reflete, na realidade, a própria concentração da produção por ETs atuando no País. Assim, temos que um conjunto de 105 ETs, representando as maiores de cada gênero industrial, foram responsáveis por cerca de 63% das vendas totais de 647 ETs atuando na indústria de transformação em 1977. ( 5)



TABELA 2: EXPORTAÇÃO DE MANUFATURADOS: CONCENTRAÇÃO DE EMPRESAS SEGUNDO A ORDEM DE VALOR - 1980 (US\$ milhões)

	EMPRESAS NACIONAIS			EMPRESAS TRANSNACIONAIS			TOTAL		
	Nº DE EMPRESAS	VALOR	%	Nº DE EMPRESAS	VALOR	%	N	V	%
1 - 50	25	2051	22,7	25	2148	23,8	50	4199	46,5
51 - 100	31	593	6,6	19	353	3,9	50	946	10,5
101 - 150	38	449	5,0	12	139	1,5	50	588	6,5
151 - 200	31	260	2,9	19	157	1,7	50	417	4,6
201 - 250	33	217	2,4	17	107	1,2	50	324	3,6
251 - 300	37	194	2,1	13	69	0,8	50	263	2,9
TOTAL	195	3764	41,7	105	2973	32,9	300	6737	74,6

Fonte: CACEX

Nota: O valor total da exportação de manufaturados (US\$9028 milhões) inclui café e açúcar refinado.

TABELA 3: IMPORTAÇÃO: CONCENTRAÇÃO DE EMPRESAS SEGUNDO A ORDEM DE VALOR - 1980 (US\$ milhões)

	EMPRESAS NACIONAIS			EMPRESAS TRANSNACIONAIS			TOTAL		
	Nº DE EMPRESAS	VALOR	%	Nº DE EMPRESAS	VALOR	%	N	V	%
1 - 50	30	3834	33,3	20	1299	11,3	50	5133	44,6
51 - 100	27	664	5,8	23	674	5,9	50	1338	11,6
101 - 150	32	551	4,8	18	311	2,7	50	862	7,5
151 - 200	21	273	2,4	29	370	3,2	50	643	5,6
TOTAL	110	5322	46,2	90	2654	23,1	200	7975	69,3

Fonte: CACEX

Nota: O valor total das importações (US\$11514 milhões) exclui combustíveis, lubrificantes e cereais.



Uma característica também importante do comércio externo das ETs refere-se às reduzidas propensões a exportar destas empresas, o que reflete sua orientação para o mercado interno (ver Tabela 4). Na realidade, este aspecto é válido para o conjunto das empresas exportadoras, sejam ETs sejam empresas nacionais, conforme mostra a Tabela 5. Este fenômeno pode ser explicado não somente pelo próprio tamanho absoluto do mercado brasileiro, como também pelas características intrínsecas do processo de industrialização substitutivo de importações, muito mais voltado para o mercado doméstico do que para o mercado externo. Na realidade, as exportações por ETs no Brasil parece ser muito mais uma conversão da indústria substituidora de importações para a exportação, devido a incentivos e subsídios dados pelo governo, do que uma estratégia de subcontratação pelos grandes grupos internacionais junto às suas subsidiárias, ou uma vantagem comparativa efetiva do País no mercado internacional.

No que se refere à questão dos incentivos à exportação de manufaturados, que tem se constituído num elemento determinante para a sua expansão, a evidência disponível indica que as ETs têm recebido uma parcela de incentivos e subsídios fiscais mais do que proporcional à sua participação nas exportações de manufaturados. (6) Adicionalmente, dados referentes a 30 programas de exportação aprovados até 1978 junto ao BEFIEX (Comissão para Concessão de Benefícios Fiscais a Programa Especiais de Exportação) indicam que 73% do valor total dos programas é de responsabilidade de ETs, principalmente os da indústria de Material de Transporte. (7)

Queremos ainda chamar a atenção para o fato de que as ETs da nossa amostra apresentaram um saldo positivo na sua balança comercial de US\$1,3 bilhões. Contudo, este resultado deve ser analisado com cuidado, pois, na indústria de transformação os Produtos Alimentares e de Material



TABELA 4: PROPENSÃO MÉDIA A EXPORTAR POR GÊNERO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO E SEGUNDO A ORIGEM DA PROPRIEDADE - 1978

GÊNERO	EMPRESAS TRANSNACIONAIS	EMPRESAS NACIONAIS PRIVADAS	EMPRESAS ESTATAIS
Minerais não Metálicos	3,7	5,6	-
Metalurgia	6,5	8,5	11,8
Mecânica	15,1	9,3	-
Material Elétrico	8,8	7,1	-
Material de Transporte	15,9	17,7	23,3
Madeira	39,8	20,6	-
Mobiliário	-	7,4	-
Papel e Papelão	7,6	10,6	-
Borracha	5,2	6,5	-
Couros e Peles	32,9	24,1	-
Química	2,4	9,6	-
Produtos Farmacêuticos	2,5	6,0	-
Perfumaria	0,4	2,1	-
Plásticos	1,6	2,5	-
Têxtil	14,2	12,8	-
Vestuário	34,1	26,7	-
Produtos Alimentares	16,7	26,3	1,4
Bebidas	8,3	2,7	-
Fumo	-	0,5	-
Editorial e Gráfica	0,4	4,0	-
Diversos	8,1	19,4	10,9
<b>TOTAL</b>	<b>11,1</b>	<b>13,6</b>	<b>13,5</b>

Fonte: Braga (1981). Calculado pelo autor a partir de dados das Tabelas 2,3 e 4.

Nota: Propensão a exportar definida como a razão

Receita líquida de exportação de manufaturados/receita líquida total.

TABELA 5: RELAÇÃO ENTRE COMÉRCIO E PRODUÇÃO NA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO 1970, 1974 e 1979.

INDÚSTRIA	IMPORTAÇÃO OFERTA DOMÉSTICA TOTAL			EXPORTAÇÃO PRODUÇÃO		
	1970	1974	1979	1970	1974	1979
Minerais não Metálicos	.027	.041	.024	.008	.012	.018
Metalurgia	.100	.147	.046	.032	.015	.037
Mecânica	.284	.321	.195	.036	.052	.142
Material Elétrico	.188	.202	.141	.014	.077	.044
Material de Transporte	.078	.088	.036	.007	.044	.099
Madeira	.004	.007	.010	.142	.118	.089
Mobiliário	.001	.002	.001	.003	.013	.008
Papel e Papelão	.086	.115	.049	.009	.037	.077
Borracha	.029	.083	.044	.009	.014	.034
Couros e Peles	.005	.032	.026	.135	.178	.213
Química	.156	.222	.118	.057	.080	.114
Produtos Farmacêuticos	.060	.083	.081	.008	.017	.025
Perfumaria	.022	.041	.012	.002	.005	.011
Plásticos	.005	.017	.003	.001	.002	.008
Têxtil	.006	.023	.006	.074	.109	.065
Vestuário e Calçados	.008	.005	.003	.010	.091	.674
Produtos Alimentares	.009	.044	.051	.133	.211	.169
Bebidas	.045	.069	.013	.303	.029	.018
Fumo	.000	.009	.001	.115	.185	.221
Editorial e Gráfica	.023	.020	.020	.003	.008	.006
Diversos	.217	.288	.211	.022	.073	.077
<b>TOTAL</b>	<b>.080</b>	<b>.119</b>	<b>.068</b>	<b>.057</b>	<b>.069</b>	<b>.081</b>

Fonte: Tyler, W. G. (1981) Import Substitution and Export Expansion as Sources of Industrial Growth in Brazil: Additional Evidence. Mimeo.



de Transporte foram quase que os únicos responsáveis por este significativo saldo positivo, embora 9 entre os 21 gêneros industriais tenham uma balança comercial superavitária. Os setores de Mineração e de Comércio ('tradings') destacam-se enquanto os setores não-industriais com um significativo saldo na balança comercial. O que estes elementos sugerem é que, se deixarmos de lado a atividade de comércio exterior das 'tradings' estrangeiras, constatamos que uma grande parcela do saldo positivo da balança comercial das ETs surge com a exportação de produtos primários e semi-manufaturados (Mineração e Produtos Alimentares), nos quais o País tem uma efetiva vantagem comparativa, e produtos manufaturados (Material de Transporte), que se beneficiam de forma privilegiada dos incentivos e subsídios à exportação.

Antes de finalizar esta seção gostaríamos de fazer alguns comentários a respeito da expansão da exportação de manufaturados através da 'subcontratação internacional'. Na literatura sobre o papel das ETs no comércio internacional encontra-se o argumento de que estas empresas podem ser importantes na expansão das exportações de manufaturados de países subdesenvolvidos através da integração vertical das suas atividades à escala mundial. (8) Assim, a montagem e/ou fabricação por ETs de partes, componentes ou mesmo produtos finais em países subdesenvolvidos, que são exportados ou re-exportados para as economias avançadas, podem se constituir num novo canal importante para a expansão das exportações de manufaturados de países subdesenvolvidos.

O material empírico disponível não nos permite investigar em maior detalhe a ocorrência e escopo do fenômeno da subcontratação no Brasil. Todavia, na medida em que as exportações têm tido um papel relativamente pequeno na expansão da produção da indústria de transformação do País - pelo fato desta estar orientada predominantemente para o mercado do interno - a exportação de manufaturados por ETs, que



aumentou substantivamente nos últimos anos, parece ser muito mais uma conversão da indústria substituidora de importações para a exportação, devido aos incentivos e subsídios dados pelo governo, do que uma estratégia de subcontratação internacional por ETs.

O comentário acima não significa que não exista atividade de subcontratação no Brasil, pelo contrário, a análise dos dados sobre produtos exportados e importados por algumas das nossas firmas amostrais, principalmente nas indústrias de Material Elétrico e de Transporte, sugerem a existência de atividade de exportação num esquema de subcontratação. Não obstante, tendo em vista que as ETs destes setores entraram no Brasil através do processo de substituição de importações, e tendo-se em conta as reduzidas propensões à exportação e importação, a atividade de subcontratação internacional não parece ser o principal canal de exportação de manufaturados por ETs atuando na indústria de transformação brasileira.

Na realidade, o governo tentou estimular a expansão das exportações de manufaturados baseado na subcontratação internacional através da concessão de incentivos especiais para firmas que importassem plantas industriais completas com o propósito de produzir exclusivamente para a exportação. Contudo, parece que este esquema não tem sido amplamente utilizado pelas ETs em virtude dos procedimentos burocráticos. (9)

Adicionalmente, vale assinalar que, embora as exportações de países subdesenvolvidos para economias avançadas baseadas na subcontratação internacional tenham aumentado crescentemente, ela ainda é uma fração pequena do comércio total. (10) No que se refere às exportações de manufaturados do Brasil, embora exista alguma evidência de que ETs norte-americanas atuando no País têm usado as provisões ta-



rifárias especiais para a montagem de produtos fora dos EUA, o volume das importações norte-americanas provenientes do Brasil realizadas dentro deste esquema parece ser negligível. (11) Cabe ainda mencionar que no período 1970-74, quando as exportações de manufaturados do Brasil cresceram a uma taxa média anual de 48%, cinco países, a saber, México, Hong-Kong, Taiwan, Singapura e Coreia do Sul, foram responsáveis por 88% do total das importações dos EUA realizadas dentro do esquema de tarifas especiais para montagem de produtos fora do território norte-americano. (12)

Para concluir, queremos mais uma vez assinalar que as ETs atuando no Brasil e, em particular na indústria de transformação, estão orientadas predominantemente para o mercado interno, que lhes oferece retornos satisfatórios e perspectivas promissoras. Além disto, as reduzidas propensões a exportar e importar das ETs, assim como de toda a economia, refletem não somente o resultado de políticas comerciais, como também e, principalmente, o predominante papel desempenhado pelo mercado interno, enquanto fonte de crescimento econômico, em virtude do avançado estágio de industrialização e de desenvolvimento das forças produtivas em que se encontra a economia brasileira.

### 3. Evolução do Comércio Exterior das ETs

A análise desenvolvida na seção anterior mostrou a importante presença de ETs na atividade de comércio exterior do Brasil. Todavia, esta deve ser complementada com uma discussão que leve em consideração a evolução ao longo do tempo do papel desempenhado pelas ETs na balança comercial do País. Da mesma forma que boa parte da discussão acerca do papel do capital estrangeiro no processo de desenvolvimento econômico, procura analisar sua evolução ao longo do tempo - o que, em alguns casos seria chamado por alguns autores de processo de desnacionalização da economia - o estudo do



comércio exterior das ETs deve também, a partir desta perspectiva dinâmica, investigar de que forma este está evoluindo e, quais são os principais determinantes dos movimentos observados.

A relevância do estudo da dinâmica de comércio exterior das ETs deve-se, em primeiro lugar, ao fato de que estas empresas têm uma participação significativa no comércio exterior do País, o que, lhes permite, por exemplo, exercer um maior poder de barganha com o governo num processo de negociação. Em segundo lugar, constata-se a posição central da balança comercial na estratégia do governo brasileiro de administrar a dívida externa do País nos próximos anos. Finalmente, a identificação dos determinantes da evolução da presença de ETs no comércio exterior fornece-nos elementos adicionais importantes para a avaliação dos custos e benefícios da política comercial. Por estas razões, procuraremos nesta seção discutir as linhas gerais do processo de evolução do comércio exterior das ETs em anos recentes.

Conforme demonstramos anteriormente, aqueles setores em que é significativa a presença de ETs e que concentram a maior parte das exportações destas empresas, estão entre os setores que apresentaram as maiores taxas de crescimento da exportação de manufaturados durante a década de 70. Este tipo de observação, contudo, deve ser complementada por uma análise mais detalhada, na medida em que setores, principalmente de produtos mais tradicionais, em que é menos importante a presença de ETs, também apresentaram taxas elevadas de crescimento das exportações. Uma análise comparativa da evolução do comércio exterior das ETs fica, contudo, bastante prejudicada, principalmente no que se refere às importações, em virtude quer inexistência quer da inadequação dos dados e informações disponíveis.<sup>(13)</sup> Não obstante, parece-nos importante tentar algumas comparações,



ainda que sofram as deficiências inerentes ao material empírico disponível.

Na tabela 6 encontramos dados referentes à participação das ETs na exportação de manufaturados em 1969 e 1978. Estes dados devem, contudo, ser analisados com reservas, porque eles não são estritamente comparáveis. Para 1969, o material empírico foi obtido por Fajnzylber (1971) para um conjunto de 286 ETs com atividade de exportação nas classes 5, 6, 7 e 8 da antiga NBM (Nomenclatura Brasileira de Mercadorias), que corresponderiam às exportações de manufaturados. Para 1978, os dados referem-se a uma amostra obtida por Braga (1981), contendo 3243 empresas, sendo 531 ETs, que representaram cerca de 82% das exportações de manufaturados neste ano.

Estas amostras não são estritamente comparáveis, conforme assinalamos, porque estão enviesadas, no primeiro caso, contra as exportações de manufaturados tradicionais, e no segundo, a favor de produtos semi-manufaturados. No caso da amostra de Fajnzylber, os produtos alimentares, bebidas e fumo são excluídos, pois não se enquadravam nas classes 5, 6, 7 e 8 da antiga NBM. Esta amostra também parece apresentar um viés no sentido de incluir, fundamentalmente, as ETs de grande porte; todavia, isto não parece mudar significativamente o quadro para as ETs, em virtude destas atuarem, principalmente, em indústrias tecnologicamente mais dinâmicas, através de empresas de grande porte. Adicionalmente, as exportações de ETs estão concentradas nestes setores mais dinâmicos, conforme já verificamos anteriormente. Assim, parece-nos que a amostra de Fajnzylber apresenta um quadro mais real para as ETs do que para as empresas nacionais, no caso das primeiras, a amostra parece ser relativamente re-



TABELA 6: PARTICIPAÇÃO DAS EMPRESAS TRANSNACIONAIS NA EXPORTAÇÃO DE MANUFATURADOS: 1969-1980

(em %)

	1969	1978
Minerais não Metálicos	77,8	30,5
Metalurgia	29,0	16,9
Mecânica	78,0	55,8
Material Elétrico	64,6	76,7
Material de Transporte	72,7	67,9
Madeira	3,5	12,2
Mobiliário	17,7	-
Papel	6,1	22,6
Borracha	78,2	80,6
Couros	18,4	21,5
Química	18,6	18,4
Produtos Farmacêuticos	78,9	65,9
Perfumaria	n.d.	11,9
Plásticos	89,0	17,3
Têxtil	11,8	24,6
Vestuário	6,5	1,8
Produtos Alimentares	n.d.	23,3
Bebidas	n.d.	28,1
Fumo	n.d.	-
Editorial e Gráfica	n.d.	1,5
Diversos	23,3	26,5
TOTAL	43,4	37,2 (42,0)

Fontes: 1969: Fajnzylber (1971)

1978: Braga (1981)

Notas : As amostras não são estritamente comparáveis, ver texto.

Percentagem entre parenteses representa a participação das ETs quando excluímos as Indústrias de Alimentos, Bebidas e Fumo, que não eram incluídas nas classificações 5, 6, 7 e 8 da antiga Nomenclatura Brasileira de Mercadorias.



presentativa do conjunto de ETs exportadoras de produtos manufaturados.

A amostra de Braga, por seu turno, parece estar enviesada no sentido de superestimar a exportação de produtos alimentícios manufaturados, na medida em que na sua amostra parecem estar incluídos produtos semi-manufaturados exportados por empresas atuantes na indústria de alimentos. Assim, como as empresas nacionais neste setor têm uma certa predominância na exportação de produtos alimentícios semi-manufaturados, ocorreria uma subestimativa da presença de ETs na exportação total de manufaturados. Por outro lado, como os dados das ETs estão sendo comparados, não com o total da exportação de manufaturados de cada setor, mas sim com soma das exportações do conjunto de firmas amostrais (ETs e nacionais), ocorreria uma superestimativa da participação de ETs, na medida em que esta soma representa 82% do total exportado, porque, a amostra de 531 ETs parece ser representativa, não somente pelo seu tamanho como também pelo elevado grau de concentração das exportações por ETs, que já verificamos na seção anterior.

Tomando-se em consideração as observações acima, podemos verificar na Tabela 6 que a participação das ETs nas exportações de manufaturados teria aumentado em 7 entre 16 setores, cujos dados eram comparáveis. Para o conjunto da indústria de transformação a participação das ETs teria apresentado uma pequena queda, passando de 43,4% em 1969 para 42,0% em 1978, quando neste último anos excluimos da comparação as indústrias de Alimentos, Bebidas e Fumo. Se estes setores são incluídos, fica caracterizado um movimento de queda mais acentuado, pois a participação total das ETs na exportação de manufaturados teria sido de 37,2% em 1978.



Para completar a análise acima e dada fragilidade do material empírico disponível, decidimos trabalhar com uma amostra representativa de ETs que nos informasse elementos adicionais da evolução do comércio exterior destas empresas. Assim, definiu-se um conjunto de 67 ETs atuando na indústria de transformação, que foram responsáveis por 46% do total das exportações e 55% do total das importações do nosso conjunto de 594 EMNs atuando na indústria de transformação em 1980.

Conforme podemos constatar na Tabela 7, as ETs tiveram suas exportações crescendo a uma taxa anual média de 25,1% no período 1974-80, enquanto o total das exportações de manufaturados cresceu 26,5% ao ano no mesmo período. Verificamos ainda nesta tabela que as taxas médias de crescimento das exportações das ETs estão, geralmente, próximas, embora ligeiramente menores, das taxas de crescimento das exportações totais de cada setor. Estes dados parecem trazer evidência adicional para o argumento levantado acima, no sentido de que, embora a participação de ETs na exportação de manufaturados seja significativa, não parece ter ocorrido mudanças importantes nesta participação nos últimos anos.

Adicionalmente, embora a participação das ETs na exportação de manufaturados seja significativa, cabe mencionar que a contribuição das exportações destes produtos em termos de expansão da demanda é relativamente pouco importante devido à orientação destas empresas para o mercado interno. Conforme já mencionamos, este fenômeno é válido para o conjunto da indústria brasileira, onde as exportações contribuem pouco para a expansão da demanda, embora, a relação exportação/valor da produção na indústria de transformação tenha aumentado nos últimos anos. (14) Para o conjunto das nossas 67 firmas anuais o coeficiente médio exportação/vendas líquidas aumentou de 5,0% em 1974, para 5,4% em 1977 e 10,1% em 1980. (Ver tabela 8) Este fato pode ser explicado não somente



TABELA 7 : TAXA MÉDIA ANUAL DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES DE MANUFATURADOS, 1974-80

	(em %)	
	TOTAL	EMPRESAS TRANSNACIONAIS
Metalurgia	59,6	56,6
Mecânica	33,3	27,0
Material Elétrico	16,7	14,0
Material de Transporte	41,8	36,9
Química	16,6	19,4
Borracha	42,8	43,9
Outros	19,7	8,7
<b>TOTAL</b>	<b>26,5</b>	<b>25,1</b>

Fonte: CACEX

Notas: A classificação das exportações totais foi feita segundo os capítulos e seções da NBM (Nomenclatura Brasileira de Mercadorias).

Os dados das ETs referem-se à uma amostra de 67 empresas.

TABELA 8 : PROPENSÃO MÉDIA A EXPORTAR E IMPORTAR DE EMPRESAS TRANSNACIONAIS: 1974, 1977 e 1980

GÊNERO	NÚMERO DE EMPRESAS	(em %)								
		1974			1977			1980		
		x	m	x-m	x	m	x-m	x	m	x-m
Metalurgia	3	0,2	31,6	-31,4	0,7	20,5	-19,8	2,2	19,3	-17,1
Mecânica	10	5,9	21,4	-15,5	8,6	11,7	-3,1	15,0	12,7	2,3
Material Elétrico	14	10,5	51,0	-40,5	10,7	17,6	-6,9	10,9	14,4	-3,5
Material de Transporte	11	2,6	28,6	-26,1	4,5	14,3	-9,8	16,3	9,5	6,9
Borracha	3	1,5	27,4	-25,8	3,3	14,8	-11,4	5,7	7,4	-1,7
Química e Farmacêutica	17	2,5	38,6	-36,1	1,2	16,8	-15,6	4,5	18,8	-14,3
Outros	9	5,6	27,9	-22,3	5,2	13,3	-8,1	10,7	16,3	-5,6
Média	67	5,0	34,7	-29,8	5,4	15,4	-10,0	10,1	14,6	-4,5

Fontes: CACEX e Quem é Quem na Economia Brasileira, Editora Visão, 1975, 1978 e 1981.

Notas : x = Exportação/vendas líquidas  
m = Importação/vendas líquidas



pelo maior aumento das exportações de produtos manufaturados brasileiros, em virtude dos incentivos fiscais e do esforço de promoção de exportações, como também em decorrência do próprio enfraquecimento da demanda interna a partir de 1974, quando a indústria entra numa fase de decenso cíclico.

Aqui vale destacar que a propensão média a exportar (exportação/vendas líquidas) das ETs aumenta em todos os setores analisados, sendo que nos principais setores de exportação de manufaturados por ETs (Metalurgia, Mecânica, Material Elétrico, Material de Transporte e Borracha), este coeficiente aumenta entre 1974 e 1977, e entre 1977 e 1980, sugerindo um movimento de continuidade.

No que se refere às importações totais das ETs verifica-se uma redução de 15% do valor absoluto entre 1974 e 1980; sendo que três setores (Mecânica, Material Elétrico e Borracha) apresentaram reduções nas importações em termos absolutos entre 1974 e 1980, enquanto os outros setores apresentaram incrementos no valor das importações nominais nunca superiores a 15% num período de 6 anos. Este movimento de queda das importações reflete uma situação geral para a economia brasileira <sup>(15)</sup> quando após um período de liberalização das importações (1968-73), o governo implementa uma política comercial restritiva objetivando corrigir os desequilíbrios no balanço de pagamentos, que começam a surgir a partir de 1974. Cabe mencionar que as importações brasileiras (excluindo-se combustíveis, lubrificantes e cereais) aumentaram 25% no período 1974-80, o que implicou numa redução da participação das empresas amostrais no conjunto das importações de 24% em 1974, para 16% em 1980, o que caracteriza o efeito significativo da política comercial restritiva no período sobre o comércio exterior das ETs.



A análise da evolução das propensões a importar (importação/vendas líquidas) das ETs mostra que o coeficiente médio reduziu-se de 34,7% em 1974, para 15,4% em 1977, e 14,6% em 1980. Aqui, novamente, surge, enquanto um elemento explicativo fundamental, a política comercial restritiva colocada em prática pelo governo após 1974 e, adicionalmente, cabe mencionar o efeito positivo dos projetos substitutivos de importação realizados durante a vigência do II Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico (1974-76), que incentivaram a instalação de projetos industriais nos setores de bens de capital e de insumos industriais. Vale ressaltar que a queda da propensão média a importar das ETs ocorreu em todos os setores analisados, sendo particularmente significativa na indústria de Material Elétrico e na Química.

Como um resultado dos elementos acima mencionados, isto é, aumento das exportações e contração das importações, o saldo comercial das firmas amostrais que era negativo em 1974 (US\$ 1706 milhões) passa a ser ligeiramente positivo em 1980 (US\$53 milhões). Este movimento de redução do efeito negativo que as ETs têm diretamente sobre a balança comercial também está refletido na evolução da média dos coeficientes saldo na balança comercial/vendas líquidas, que reduz-se de -29,8% em 1974, para -10,0% em 1977, e -4,3% em 1980. Aqui vale ressaltar que em 1974, 65 entre 67 ETs tinham um saldo negativo na sua balança comercial, e em 1980 o número de empresas deficitárias cai para 43, isto é, em 1974 a quase totalidade das firmas amostrais era deficitária, enquanto em 1980 o número de ETs deficitárias cai para 65% do conjunto de firmas amostrais.

Em suma, a partir de 1974 o enfraquecimento da demanda interna, a manutenção de um importante esquema de promoção de exportações, o programa de substituição de importações implementado com o II PND, e a política comercial restritiva do governo objetivando corrigir os desequilíbrios no balanço de pagamen-



tos, vão tornar superavitária a balança comercial da indústria de transformação no seu conjunto e, em particular, a balança comercial das ETs. Este movimento é acompanhado pelas ETs que, por um lado, ocupam uma posição privilegiada na obtenção de incentivos e subsídios fiscais para a exportação, e por outro, têm sido levadas a colocar uma maior parcela de sua produção no mercado externo em virtude do quadro recessivo interno, que tem afetado principalmente aqueles setores produtores de bens de consumo duráveis e bens de capital, nos quais estas empresas concentram a maior parte dos seus investimentos.

#### 4. CONCLUSÃO

Neste estudo procuramos investigar a atividade de comércio exterior das ETs atuando no País, em termos das suas principais características, evolução e desempenho comparativo com relação às empresas nacionais. Como resultado da nossa análise constatamos que a atividade de comércio exterior das ETs tem refletido as próprias características gerais da presença destas empresas na economia brasileira, assim como tem sido influenciada pela evolução da economia e da política econômica nos últimos anos.

A atividade de comércio exterior é realizada em sua maior parte por ETs atuando na indústria de transformação que concentra cerca de 2/3 do total dos investimentos destas empresas. Na indústria de transformação, aqueles setores tecnologicamente mais dinâmicos, e que respondem por uma grande parcela da produção e dos investimentos de ETs, são também responsáveis por grande parte das exportações e importações por ETs. Adicionalmente, a distribuição concentrada da produção destas empresas está também refletida na concentração da atividade de comércio exterior.



Particularmente no que se refere às exportações de manufaturados constatamos que as ETs estão orientadas predominantemente para o mercado interno, na medida em que as reduzidas propensões a exportar refletem o fato de que as exportações têm uma contribuição relativamente pequena enquanto fonte de crescimento da produção industrial, embora venha aumentando esta contribuição nos últimos anos em virtude dos movimentos cíclicos porque passa a economia. Concomitantemente, a política de promoção de exportações tem aumentado as propensões a exportar da economia brasileira e das ETs, em particular, embora, a participação destas empresas no total das exportações de manufaturados não parece ter aumentado durante a última década. Por outro lado, os movimentos cíclicos da economia, associados a desequilíbrios profundos no balanço de pagamentos, têm levado o governo a implementar uma política comercial - barreiras tarifárias e não tarifárias - que implicou inter alia numa redução da propensão a importar das ETs. Assim, a partir de 1974 como resultado da interrelação de vários fatores, como o enfraquecimento da demanda interna, a implementação de uma política de substituição de importações em determinados segmentos industriais, a manutenção da política de estímulo às exportações, e a implementação de uma política comercial restritiva objetivando reduzir os desequilíbrios do balanço de pagamentos, a indústria de transformação e as ETs, em particular, começam a ter uma redução do deficit na sua balança comercial.

A nossa análise mostrou que o saldo da balança comercial das ETs evoluiu no sentido de apresentar em 1980 um saldo positivo, embora, deva-se ressaltar que na maior parte dos gêneros industriais o saldo da balança comercial das ETs é negativa, sendo compensado, todavia, pelos elevados saldos gerados pelas indústrias de Material de Transporte e de Produtos Alimentares. Na primeira, a política governamental tem sido um elementos determinantes, enquanto na segun



da destacam-se as exportações de produtos semi-manufaturados, nos quais o País possui vantagem comparativa devido a fatores locacionais específicos.

Neste ponto, vale destacar a atuação do governo brasileiro no sentido de estimular, e algumas vezes forçar a exportação de manufaturados por ETs. Aqui, cabe citar a observação apresentada por Villela e Baer (1980, p. 162): "Embora a BEFIEX não tenha sido criada com o objetivo específico de fomentar a exportação de manufaturados exclusivamente por parte de empresas estrangeiras, é principalmente a essas empresas que tem sido dirigida sua atuação. Num dos poucos exemplos de articulação da política industrial com outras áreas de política (no caso presente, a promoção de exportações), é o próprio CDI que 'força' a empresa estrangeira a, além de cumprir os requisitos que lhe são impostos para ter seu projeto aprovado, também assumir compromisso formal de exportação junto a BEFIEX. Em geral são essas empresas, principalmente as do setor automobilístico, as que são encaminhadas a BEFIEX, que as pressiona para que mantenham balanço de divisas positivo".

Os resultados acima e a própria significativa participação das ETs no comércio exterior brasileiro colocam alguns problemas importantes para a política econômica e para a estratégia de desenvolvimento. Particularmente no que se refere à política econômica deve-se ter em conta que a atividade exportadora das ETs, principalmente nos setores de manufaturados tecnologicamente mais dinâmicos, depende dos incentivos e subsídios fiscais concedidos pelo governo, nos quais as ETs têm uma participação mais do que proporcional à sua participação nas exportações. Este fato parece indicar um elevado custo social das divisas externas obtidas com atividade exportadora das ETs. No momento em que o governo propõe-se, enquanto estratégia de política econômica de médio e longo prazo, a reduzir os subsídios, deve-se ter em conta o seu efeito sobre a balança comercial em virtude de que uma parcela significativa das exportações de manufa-



turados, principalmente aquela sob a responsabilidade de ETs, é realizada não segundo algum tipo de vantagem comparativa, mas em consequência de subsídios que, artificialmente, baixam os custos dos produtos, e geram uma 'vantagem' com um elevado custo para a sociedade. Adicionalmente, esta importante, embora não crescente participação das ETs nas exportações de manufaturados, pode fortalecer a já sólida e ampla base de poder destas empresas, com os custos que isto gera para o processo de negociação entre o governo e as ETs.

Assim, a análise da atividade de comércio exterior das ETs chama a atenção para a relação custo/benefício da política de promoção de exportações, e para possíveis efeitos sobre a balança comercial do País, e em particular das ETs, que a redução dos subsídios poderá causar no médio prazo se não ocorrerem alterações importantes na política econômica em geral e na política comercial, em particular. Neste sentido, tendo definido a redução dos subsídios como um elemento central da política econômica, o governo deverá adotar uma política seletiva de estímulo às exportações, o que implicará numa decisão de que setores e produtos (agrícolas, minerais, manufaturados, tradicionais ou dinâmicos, semi-manufaturados), receberão maior prioridade. Parece haver um consenso na sociedade brasileira acerca da inexistência de uma orientação geral de política econômica de longo prazo e de uma estratégia clara de desenvolvimento, em virtude talvez do próprio grau de gravidade da crise econômica e do momento de transição política que passa o País. Não obstante, num futuro próximo o governo será obrigado a tomar medidas importantes de política comercial - promoção das exportações e controle das importações - que, sem dúvida alguma, e mesmo por uma questão de coerência e de escassez de recursos, deverão estar intimamente relacionadas à definição da orientação geral da política econômica e, por conseguinte, da própria estratégia de desenvolvimento.



5. NOTAS E REFERÊNCIAS

- 1 - Uma ampla discussão do papel das ETs no comércio internacional é feita por Robertson (1971).
- 2 - Uma crítica dos investimentos do tipo 'enclave' orientados para a exportação de produtos primários é encontrada em Singer (1950). Para uma análise dos efeitos das ETs sobre as 'plantations', ver o importante livro de Beckford (1972), que é um raro e importante exemplo de uma excelente análise multidisciplinar nas Ciências Sociais, Nayar (1978) analisa a participação de ETs na exportação de manufaturados em alguns países subdesenvolvidos.
- 3 - Lall (1973) e Vaitos (1974).
- 4 - Os dados referentes a 1980 são (em US\$ milhões):
  - Exportação total = 20132
  - Exportação de Manufaturados = 9028
  - Exportação de Manufaturados, excluindo café solúvel e açúcar refinado = 8395
  - Importação total = 22955
  - Importação, excluindo combustíveis e lubrificantes = 12755
  - Importação, excluindo combustíveis, lubrificantes e cereais = 11514.

A fonte é Boletim do Banco Central do Brasil, vol. 18, nº 5, pp.310-1.
- 5 - Gonçalves (1981) Tabela 7.
- 6 - Braga (1981).
- 7 - Cabe mencionar que a BEFIEX respondeu por cerca de 20% do acréscimo de exportação de manufaturados em 1977. Ver Villela e Baer (1980) p. 162-3.
- 8 - Helleiner (1973) pp. 21-47.



- 9 - Aqui referimo-nos ao Decreto Lei nº 1236 de 28 de Agosto de 1977. Segundo a publicação *The Brazilian Export Market 1975-1976*: "este incentivo não tem sido amplamente utilizado até o momento em virtude da complexidade do processo de avaliação dos projetos, o que tem levado as firmas interessadas a procurar em outros esquemas as vantagens oferecidas" pelo Decreto Lei nº 1236.
- 10 - Nayyar (1978) p. 67.
- 11 - Em 1970 o Brasil respondia por cerca de 0,5% do total das importações norte-americanas no item tarifário 807.000, esquema tarifário especial para montagem de produtos fora do território norte-americano, ver Helleiner (1973) Tabela IV, p. 44. Estas transações representaram menos do que 1% do total das exportações brasileiras de manufaturados em 1970.
- 12 - Nayyar (1978) p. 67.
- 13 - A amostra de Doellinger e Cavalcanti (1975), por exemplo, incluía 318 firmas, sendo 133 ETs, responsáveis por 63% das exportações do setor industrial, incluindo mineração. Esta amostra parece-nos inadequada para comparação com outros estudos, como o de Fajnzylber (1971).
- 14 - Ver seção 2, Tabela 5. O coeficiente médio exportação/valor da produção na indústria de transformação aumentou de 6,9% em 1974 para 8,1% em 1979.
- 15 - O coeficiente médio importação/valor de produção na indústria de transformação cai de 11,9% em 1974 para 6,8% em 1979. Ver seção 2, Tabela 5.



6. BIBLIOGRAFIA

- BECKFORD, G. L. (1972) *Persistent Poverty. Underdevelopment in plantation economies of the Third World.* Oxford University Press, UK.
- BRAGA, H. C. (1981) Aspectos distributivos do esquema de subsídio fiscais à exportação de manufaturados. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, vol. 11, nº 3.
- DOELLINGER, C. et alli (1974) *A política brasileira de comércio exterior e seus efeitos: 1967/73.* IPEA/INPES, Rio de Janeiro.
- FAJNZYLBER, F. (1971) *Sistema industrial e exportação de manufaturados. Análise da experiência brasileira.* IPEA/INPES, Rio de Janeiro.
- GONÇALVES, R. (1981) *Empresas multinacionais na indústria de transformação no Brasil. Texto didático, nº. 8,* FEA/URFJ, Rio de Janeiro.
- HELLEINER, G. K. (1973) *Manufactured exports from less-developed countries and multinational firms.* *The Economic Journal*, vol. 83, nº 329, March, pp. 21-47.
- LALL, S. (1973) *Transfer pricing and developing countries: some problems of investigation.* *World Development*, vol. 7, pp. 59-71.
- LALL, S. and STREENTEN, P. (1977) *Foreign investment and developing countries.* The Macmillan Press Ltd., London.
- NAYYAR, D. (1978) *Transnational corporations and manufactured exports from poor countries.* *The Economic Journal*, vol. 88, March.
- NEWFARMER, R. and MARSH, L. G. (1981) *Industrial interdependence and development. A study of international linkages and industrial performance in Brazil.* Mimeo.



- REUBER, G. L. et alli (1973) Private foreign investment in development. Oxford, Clarendon Press, UK.
- ROBERTSON, D. (1971) The Multinational enterprise: trade flows and trade policy. in J. H. Dunning (ed.) The Multinational Enterprise. George Allen & Unwin, UK, pp. 169-203.
- SINGER, H. W. (1950) The distribution of gains between investing and borrowing countries. American Economic Review, vol. XL. nº 2, May, pp. 473-85.
- TYLER, W. (1976) Manufactured export expansion and industrialization in Brazil. J. C. B. Mohr (Paul Siebeck) Tübingen, West Germany.
- TYLER, W. (1981) Import Substitution and Export Expansion as Sources of Industrial Growth in Brazil: Additional Evidence. Mimeo.
- VAITSOS, C. V. (1974) Intercontry income distribution and transnational enterprise. Clarendon Press, Oxford, UK.
- VILLELA, A. V. e BAER, W. (1980) O setor privado nacional: problemas e políticas para seu fortalecimento. IPEA/INPES, Rio de Janeiro.